

## O PAVIMENTO COMO CONTINUIDADE – O CASO DA BAIXA DE LISBOA

Joana Pimenta\*<sup>1</sup> Mestre em arquitectura pelo IST, Lisboa

### Abstract

*The main purpose of this study is the need to understand the importance of pavement in the city's public space, since it's the floor of so many and so different urban activities.*

*To reach this goal, the present paper is divided in three parts. The first one is about defining and framing the concept of pavement in a way that turns clear the context of the subject. The second part consists in the understanding of the pedestrian activities and what they represent in terms of pavement. The third and last part refers to the application of the theory developed to a study case belonging to Lisbon's Historical Centre, in which there is a short framing of the area followed by an analysis based on all the different topics explained earlier in the text.*

*To conclude this practical part of the study a small proposal is presented defining guide lines for an intervention regarding the pavement of the study case, in which its different characteristics are and potential analysed.*

### RESUMO

*O principal objetivo deste estudo é a necessidade de compreender a importância das calçadas na cidade do espaço público, visto que é a palavra de tantas e tão diferentes atividades urbanas.*

*Para atingir essa meta, o desenvolvimento do presente trabalho é dividido em três partes. A primeira é sobre uma definição e elaboração do conceito de pavimento, de uma forma que torna claro o contexto do assunto. A segunda parte consiste na compreensão das atividades dos peões e que elas representam em termos de pavimento. A terceira e última parte refere-se a aplicação da teoria desenvolvida para um estudo de caso da Estratégia de Lisboa, pertencente ao Centro Histórico, no qual há uma breve definição do espaço seguido por uma análise com base em todos os diferentes tópicos explicou anteriormente no texto. Para concluir esta parte prática do estudo, é apresentada uma pequena proposta que define linhas de orientação para uma intervenção no que diz respeito à pavimentação do presente estudo de caso, em que as suas diferentes características são analisadas e os seus potenciais caracteres são determinados.*

**KEYWORDS:** Paving, Public Space, Pedestrians, Centre City, Lisboa

### PAVIMENTO

A importância de uma leitura integrada dos pavimentos, reflecte-se na forma como o pavimento enquanto chão da vida urbana pode integrar funcionalidades a vários níveis, desde a escala nacional, através da representação icónica de um país (ex: Calçada Portuguesa), até à escala do lugar, reflectida na sua capacidade de resolver pequenos obstáculos, passando pela escala da cidade, no modo como pode potenciar a união de espaços ou edifícios que de outra forma estariam dispersos na malha urbana.

*«É a partir do território e da sua topografia que se desenha ou constrói a cidade. É a topografia e modelação do terreno, mas são também os revestimentos e pavimentos, os degraus e passeios empedrados, os lancis, as faixas asfaltadas, os carris dos eléctricos e tantos outros aspectos»<sup>2</sup>.*

A constituição do chão é muito mais complexa do que aquilo que está visível para o utilizador. O chão é definido como o que suporta directamente o tráfego e transmite as respectivas solicitações à infra-estrutura, ao terreno. É constituído por várias camadas, sendo aquela com que contactamos directamente, a camada de desgaste, que por sua vez assenta sobre as camadas de fundação, estas com a função, no que toca à implementação de construções, de distribuir as cargas sobre o solo.

O **solo** é a verdadeira base de todos os nossos movimentos e acções, mas também uma grande limitação na medida em que a sua topografia e constituição condiciona de algum modo o tipo de espaços e usos que podem surgir. Coberto pelo pavimento, o solo incorpora muitas das infra-estruturas que permitem a existência de vida urbana e que são essenciais para todo o sistema urbano desde as naturais, como a hidrologia, às construídas, como a rede de esgotos, água, gás, electricidade. «A dimensão, complexidade

e eficiência deste poderoso e discreto sistema de raízes da cidade nem sempre são perceptíveis aos cidadãos»<sup>3</sup>. No entanto, apesar das vantagens estéticas e funcionais da incorporação das infra-estruturas no subsolo, surgem alguns problemas quer pela necessidade de espaço de implantação que por vezes é insuficiente, quer pela limitação em termos de pavimento que estas representam. Todas as redes de infraestruturas subterrâneas necessitam de controlo e manutenção, feito necessariamente através do pavimento. Assim, é conveniente que integre elementos facilmente removíveis que por vezes representam descontinuidades e pontos de degradação mais rápida do revestimento (Brandão, 2002).

De facto, a camada mais exposta é o pavimento que, por isso mesmo, desempenha o papel principal de servir como superfície resistente, durável e confortável, de adaptar as condições naturais do solo à vida urbana e às suas diferentes exigências sem que se desintegre rapidamente. Este é composto, no seu todo, por camadas de fundação e de desgaste. A **camada de fundação** é constituída usualmente por base e sub-base, funcionando como o elemento resistente visto que consiste, normalmente, numa camada granular (brita) preparada com um solo de melhor qualidade que o existente. A **camada de desgaste** é a superfície em que se estabelece o contacto directo com o pavimento, a face do chão que nos apoia, que terá de se adaptar às diferentes funções a que se destina, tendo como principal exigência física a resistência ao desgaste e a durabilidade.

Apesar de ser, como vimos, mais abrangente o conceito de **pavimento**, para o presente artigo, será usado como esta camada de desgaste, «which is immediately apparent to pedestrian. It is felt beneath the foot, seen at close quarters, from it the rain splashes and the heat rises to greet the user: its design is therefore of great importance»<sup>4</sup>.

É com os “pés” no chão que se estabelece o primeiro, e por vezes único, contacto físico directo com o espaço, as opções que se tomam e os caminhos que se escolhem estão sempre relacionados com a forma como os “pés” assentam no pavimento e portanto, a natureza, textura e dimensão dos seus elementos e materiais desempenham um papel determinante para esta experiência. Assim, o pavimento como **superfície** onde inevitavelmente se “aterra” por acção da gravidade, é o suporte de toda a vida urbana, e, como tal, são muitas as exigências a que tem de dar resposta, num variado leque de conjugações, resultando num tecido de vários retalhos, mais ou menos fluidos, passíveis de serem intuitivamente relacionados com os usos a que se destinam. Facilmente se percebe que mudanças, por exemplo, no tipo de tráfego podem exigir adaptações no tipo de pavimento de forma a melhor se adequar aos requisitos impostos, gerando variações que podem ser aproveitadas para criar padrões decorativos. São oportunidades para ornamentar resultantes de funções práticas.



«Os padrões distintos formados por diferentes materiais nascem da sua utilização. Imaginemos os utentes do pavimento agindo de modo instintivo ou predestinado, e em seguida registemos os seus movimentos. O resultado seria um “padrão de movimento” em que o uso do pavimento é traduzido por padrões constituídos por cores ou texturas indicando as diferentes actividades»<sup>5</sup>.

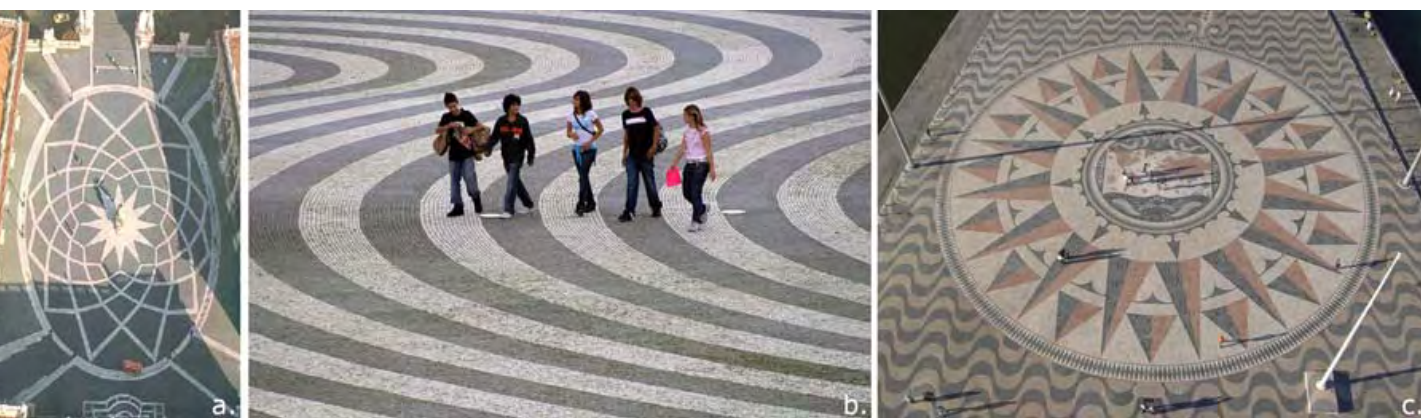
Tendo explicado o conceito de pavimento torna-se então importante perceber de que forma pode este contribuir para o espaço e para aqueles que o utilizam.

## CARÁCTER DO PAVIMENTO

«Successful paving reinforces the character of a place» (Moughtin, 1995:94)

### [Visual]

O carácter visual do pavimento não surge apenas como resultado das questões práticas já referidas, sendo por vezes tratado mais como uma peça de mobiliário urbano que, embora cumprindo a sua função, desempenha um papel estético de maior relevância no ambiente criado, ou seja, é tratado como um elemento estético do espaço urbano. Este papel está muitas vezes relacionado com a vontade de melhorar o carácter de determinado espaço tornando a sua escala mais humana e abarcável, potenciando o seu sentido de movimento ou de estada, ou ainda aumentando a sua utilização e interesse através da introdução de pormenores ornamentais apelativos por si só.



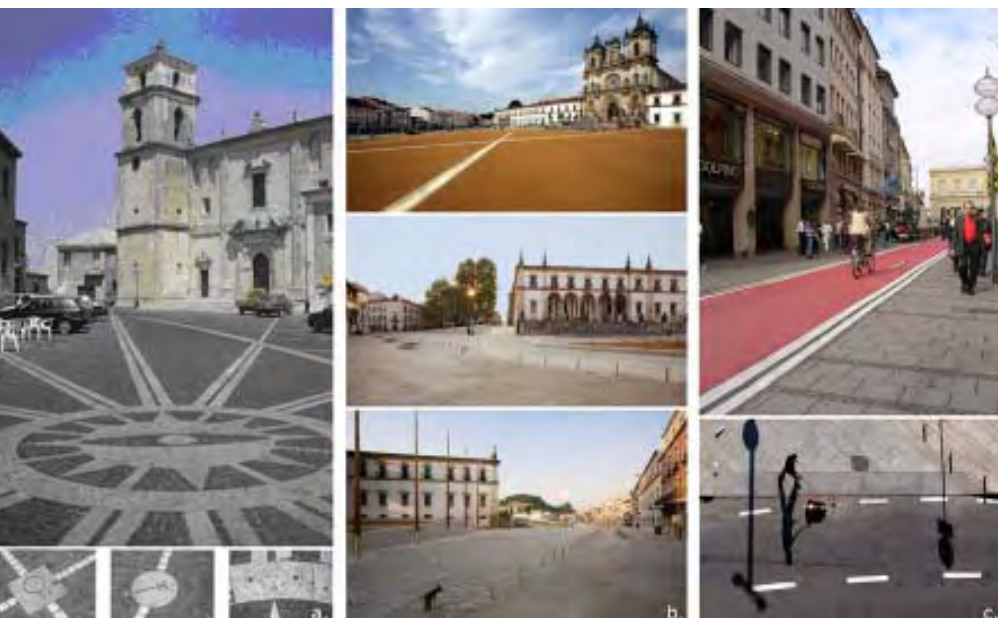
#### O Pavimento como Elemento Estético

a>Campidoglio, Roma – Padrão regulador da escala do espaço e unificador do conjunto | FNI

b>Calçada portuguesa «mar largo», Vila do Conde – Padrão potenciador do sentido do movimento | FNI

c>Calçada portuguesa, rosa-dos-ventos em frente ao Monumento dos Descobrimentos, Belém – Desenho ornamental apelativo | FNI

O pavimento pode ainda ser usado como meio de comunicação interagindo com o utilizador através da transmissão de informação relevante. Esta comunicação passa por vários níveis, desde diferenciar o tipo de usos a que o espaço se destina no seu sentido global, como a determinar, numa escala mais aproximada, variações do tipo de uso dentro do mesmo, e, ainda, criar situações específicas como por exemplo, passadeiras indicativas de zonas com prioridade para peões, zonas com maior rugosidade, um pequeno desnível indicando um obstáculo, sinalética de informação como nomes de estabelecimentos ou números de policia, ou de orientação, indicando direcções relevantes.



#### O Pavimento como Meio de Comunicação

Piazza Vittorio Emanuele, Santa Severina, Itália – Pavimento indicando os pontos cardiais e direcção do vento | FNI

a>Zona Envolvente à Abadia de Santa Maria de Alcobaça – Diferenciação do tipo de uso através da materialidade do pavimento | Website Gonçalo Byrne

b>Sinalização de corredores de circulação através do tratamento da superfície e desníveis de pavimento | FNI



## [Simbólico]

O carácter simbólico do pavimento tem também como base a comunicação uma vez que serve para transmitir uma informação mas não como aviso ou indicação. Neste caso a comunicação é utilizada para simbolizar algum momento na história, relembrar o passado do lugar, ou também para publicitar uma zona privada adjacente recorrendo por vezes à simples alteração no material do pavimento. A mensagem simbólica, embora mais abstracta, não impede, no entanto, que a informação transmitida seja reforçada por texto ou imagens impressas, meios mais directos, embora neste caso secundários.



### *Pavimento como Símbolo/Ícone*

*Quilómetro Zero na Praça das Portas do Sol, Madrid – Símbolo do centro da rede de estradas espanholas, e mais abrangente, do centro administrativo do país | FNI*

*a>Desenhos na Calçada Portuguesa, Aveiro – Símbolos alusivos ao mar, actividade identitária da cidade | FNI*

*b>Almada Velha – Escadaria ondulante, alusiva ao rio | Pedro Brandão – Chão da Cidade*

## [Orientador]



### *Pavimento como Orientador do Uso do Espaço*

*Padrão dinâmico potenciador da circulação, Vila Viçosa | FNI*

*a>Piazza Giuseppe Tartini, Pirano, Eslovénia – Padrão periférico em grelha estático, permitindo a compartimentação do espaço, com uma zona de esplanadas. Potenciador do carácter de estada | FNI*

O pavimento desempenha um importante papel enquanto referência para a orientação no espaço, é através dele que se diferenciam as várias características básicas da cidade como público e privado, aberto e fechado, movimento e repouso.

«Floorscape patterns can reinforce the line character of a street, emphasising its character as a “path” by providing a sense of direction with visually dynamic pattern. Alternatively, they can check the flow of space by emphasising its character as a “place”, or by suggesting a feeling of repose with a visually static or contained pattern»<sup>6</sup>.

O carácter orientador que o pavimento pode e deve ter, leva o transeunte a otimizar determinadas funções, na medida em que, ao potenciar a tipologia do espaço a que pertence, suas características e funcionalidades, cria condições para que se proceda com mais convicção e segurança aquando da sua utilização. Nas praças potencia-se o sentimento existencial de “estar” e nas ruas a sua essência direccional.

### [Operacional]

«The interplay of floor patterns of the pavement which alternate between movement and rest can be designed as the city's choreography, bringing qualities of rhythm, scale and harmony to the urban scene» (Moughtin, 1995:94). O pavimento é uma superfície, moldada à superfície da terra, onde tudo se representa a duas dimensões e, portanto, o seu carácter operacional reside essencialmente na adaptação de um terreno irregular e, muitas vezes impraticável, numa plataforma capaz de suportar a vida urbana. Para tal este extenso elemento tem a difícil tarefa de vencer desníveis, unir diversos pontos, segregar funções, acentuar marcos, dar escala aos espaços, suportar diferentes imposições e etc., tudo isto de modo a proporcionar as melhores condições para que todos possam usufruir dos espaços com conforto, segurança e satisfação. Todas estas variações fazem do pavimento um espelho daquilo que se passa a três dimensões sobre ele, representando o ritmo da cidade (Cullen, 2006).



#### *Pavimento Operacional*

*Escadaria permitindo a acessibilidade a uma cota elevada | Website Olhares*

*a>Freiburg, Alemanha – Os canais de água ao longo do pavimento das ruas separam a área pedonal e a via do eléctrico a par com a sua função de drenagem | Gehl – Novos Espaços Urbanos*

*b>Zadar, Croácia – Adaptação da costa, criando um espaço de plataformas que possibilitam contemplação à escala humana | FNI*

*c>Pioneer Courthouse Square, Portland – Rampa no meio de uma escadaria, adequando o acesso a pessoas de mobilidade reduzida, bicicletas, carrinhos de mão, patins, etc. | Gehl – Novos Espaços Urbanos*

*d>Segregação das funções de circulação e estada | Website Olhares*

## [Organizativo]

É importante não esquecer que o pavimento é também um elemento activo, uma vez que não se limita a dar resposta aos requisitos do espaço, dando como contributo «o seu próprio carácter e personalidade» (Cullen, 2006:130).

É através do seu material, textura e padrão que sobressai o seu carácter organizativo na medida em que pode unir ou separar os vários elementos constituintes do espaço, segregar funções e distanciar a envolvente ou pelo contrário, ser plataforma homogénea e unificadora de um espaço que de outra forma não teria leitura como tal. Também podem ser considerados parte integrante deste carácter, o papel “compositivo” e “comunicativo” do desenho do pavimento.

«Entre os diversos factores que contribuem para a unificação e coesão numa cidade, o pavimento é dos mais importantes» (Cullen, 2006:55).



Pavimento Organizativo

Rua Augusta, Lisboa – A calçada apresenta dois padrões diferentes definindo áreas da rua com diferentes funções | Fotografia de Autor, 2008  
a>Urban Lounge, St. Gallen, Suíça – Pavimento que pelo seu carácter insólito e homogéneo, unifica o espaço irregular intersticial entre edificações muito heterogéneas | a+t Magazine, In Common IV

## A VIDA URBANA E O PAVIMENTO

Como vimos, tendo em conta as diferentes actividades existentes ou que se querem potenciar no espaço público em estudo, o pavimento poderá assumir diferentes papéis, contribuindo de forma mais ou menos activa na sua inter-relação.

«Apesar de ser um produto, o território comporta-se simultaneamente como condicionante das práticas sociais subsequentes, as quais se configuram também na sua relação com esse mesmo espaço que as suporta. Deste modo práticas sociais e espaço são duas realidades em constante interacção» (Salgueiro, 2002:26).

Para perceber o espaço público e todas as suas componentes físicas, especificamente o pavimento, é importante perceber as práticas sociais que aí se desenvolvem já que são dois elementos indissociáveis e bastante condicionantes um do outro. Desta forma para compreender o papel do pavimento urbano como elemento de continuidade pedonal é importante perceber as actividades essenciais para as quais vai ser base e sustento.

## [Passivo]

A forma passiva de estar no espaço público é, de facto, a maioritária e é a geradora de todas as outras. Uma vez que se escolhe a integração na vida de determinado espaço através de uma primeira fase de observação e reconhecimento, é importante perceber as condicionantes que representa para o bom funcionamento desse espaço. Acima de tudo, pode concluir-se que actividade gera actividade e, para que um espaço urbano possa resultar, é importante que não esteja segregado dos habituais locais de passagem e fluxo da vida urbana. Espaços isolados e supostamente seguros, criados sob o pretexto de libertar as pessoas do burburinho e azáfama da cidade, são precisamente aqueles que se encontram vazios gerando ocupações consideradas indesejáveis e marginais, o que contraria um dos objectivos com que foram criados, a segurança.



«The places people like most are places where there are lots of other people in a fairly contained amount of space – in a word, somewhat crowded» (Whyte, 2000:242).



Observar ou Participar | Website Olhares | FNI

As actividades tendem a crescer da periferia para o centro dos espaços públicos, uma vez que as zonas mais procuradas pelas pessoas para estar se localizam ao longo das fachadas ou nos limites exteriores do espaço onde se encontram. É o chamado **efeito de periferia** ou «*edge effect*», uma questão de controlo e segurança que proporciona um elevado nível de conforto ao ser humano (Gehl, 1996). A capacidade de poder observar tudo o que se passa à sua volta, sem que esteja demasiado exposto ou desprotegido, torna-se bastante atractiva. Mantém a distância necessária e a sua passividade enquanto desejar, salvaguardando a possibilidade de ser abordado de surpresa e contra a sua vontade. Como tal, se as pessoas vão ficando ao longo da periferia do espaço, é por aí que começam a desenvolver-se as diversas actividades e interacções e, em última análise, vão crescendo e acumulando até começarem a transbordar para o centro num processo gradual, «*if the edge fails then the space never becomes lively*»<sup>7</sup>.



Efeito de Periferia

a> Museu de Arte Contemporânea, Barcelona | Website PPS

b> Plaza de Quintana, Santiago – As actividades desenvolvem-se da periferia para o centro | Website PPS

«O conforto, a tranquilidade, o envolvimento do utente no espaço (...), reclamam um espaço que proporcione a vida colectiva mas também o anonimato, a privacidade e a salvaguarda da intimidade no “espaço vital” da pessoa» (Brandão, 2008: 11).

### [Activo]

Enquanto muitos satisfazem o seu desejo pelo simples contacto passivo outros preferem um envolvimento mais **activo** com o espaço e as pessoas que aí se encontram, através do contacto directo com amigos, família ou mesmo desconhecidos (Carmona, 2003). Este contacto pode desenvolver-se de várias formas

mas todas elas têm como ponto de partida as actividades básicas de ver, ouvir, falar, andar, parar e sentar, e havendo condições para que estas se desenvolvam, existe uma boa base para que outras mais complexas possam despoletar (Gehl, 1996).

«In an urban setting, a pedestrian journey is rarely single purpose: on the way to somewhere else, we stop to buy a newspaper, talk to a friend, enjoy a view or watch the “world go by”» (Carmona, 2003:170).

Andar pode parecer apenas uma forma de deslocação, mas muitas vezes é simplesmente um pretexto para estar no espaço público sem grande compromisso. Os espaços públicos mais propícios para esta actividade são os denominados lineares que evocam o movimento, tendo como premissas para o seu dimensionamento a necessidade de espaço de manobra e ao mesmo tempo a criação de interferências que suscitem interesse ao longo do percurso, que de outra forma serviria apenas de ligação entre dois pontos. Este interesse pode ser suscitado por actividades colocadas ao longo das fachadas e contornos do espaço ou através da sinuosidade e contraste entre amplo/estrito de modo a segmentar o percurso evitando que seja directo e cansativo. No entanto, o movimento pedonal é o mais sensível a interferências e qualquer exagero nestas pode causar a não utilização desse espaço.



Percorrer o Espaço Público | Website Olhares

«The fact that is tiring to walk makes pedestrian naturally very conscious of their choices of routes» (Gehl, 1996:139).

### [Exigências do Pavimento]

O acto de caminhar é cansativo e, portanto, o peão tenderá a escolher um percurso que exija o menor esforço possível sem pôr em causa a sua segurança, de maneira a torná-lo mais fácil e confortável. Esta é uma exigência importante para o pavimento na medida em que, como já dito anteriormente, este representa o elemento do espaço público com que se estabelece o contacto físico directo, o que significa que deve garantir as condições necessárias para que sejam assegurados os desejos do utilizador, tanto em termos de conforto físico como também visual.

Exigências do pavimento como aderência, continuidade e resistência são fundamentais para este tipo de utilização e, uma vez que alguns peões requerem condições especiais, como por exemplo cadeiras de rodas, carrinhos de bebés, invisuais, é necessário que este se possa adequar a todos estes diferentes “modos” de andar de forma a ser considerado o chão de um espaço realmente público e acessível a todos.



Quanto ao conforto visual, pode ser garantido, no caso específico desta actividade de caminhar, com a acentuação de alinhamentos, percursos e direcções através da textura ou combinação de diferentes elementos constituintes do pavimento, provocando uma sensação de segurança no percurso escolhido. É importante também dar a oportunidade ao utilizador de perceber rapidamente qual o caminho mais directo para alcançar o seu objectivo, sem que surjam grandes obstáculos, mas ao mesmo tempo, não criar um espaço de tal maneira direccionado ao movimento ou segregado das outras áreas que não se sinta confortável a parar ou desenvolver outro tipo de actividades se assim o desejar.

No acto de andar pode-se contemplar ainda outros modos de locomoção como andar de patins, de bicicleta, em skate, etc. que podem surgir no espaço público se houver condições para o desenvolvimento de tais actividades caso em que o pavimento tem, de facto, especial importância

A selecção do tipo de pavimento a usar no espaço público deve orientar-se, principalmente, tendo em conta os requisitos exigidos pelos seus utilizadores. José Neves, coordenador da especialização em projecto de construção de pavimentos em meio urbano, do Instituto Superior Técnico, afirma que para responder às diferentes necessidades que resultam dos múltiplos tipos de utilização, é necessário que os materiais atendam «*ao desempenho estrutural, como a capacidade de suporte para cargas, e ao desempenho funcional, como a manutenção, conforto, segurança e eficiência*»<sup>8</sup>.

### **CASO DE ESTUDO: Centro Histórico de Lisboa**

A escolha do local a avaliar, tendo em conta os parâmetros descritos anteriormente, teve por base a necessidade de repensar o papel actual do Centro Histórico de Lisboa que surge no âmbito da criação de um percurso pedonal assistido da Baixa Pombalina ao Castelo de S. Jorge, inserida no contexto da Proposta de Revitalização da Baixa-Chiado<sup>9</sup>, apresentada em Setembro de 2006 por Maria José Nogueira Pinto, na altura vereadora da Câmara Municipal de Lisboa.

Para tal, é importante perceber qual a situação actual nesta zona, tendo em conta aspectos comerciais, habitacionais, de circulação e qualidade ambiental.

#### **[Situação Actual]**

Quanto ao comércio a zona da Baixa-Chiado foi o grande centro comercial da capital tendo começado a perder a sua importância neste domínio a partir dos anos 60, acelerada, posteriormente, com o incêndio do Chiado em 1988. No entanto, ao longo dos últimos anos tem sido recuperada, especialmente a zona do Chiado e, na Baixa, a Rua do Ouro e a Rua Augusta.

Muitos estabelecimentos comerciais desta zona estão classificados pelo seu valor histórico e patrimonial, sendo referências importantes para a cidade.

Quanto à habitação, depois de um prolongado período de declínio da população residente na Baixa-Chiado, mais intenso do que o verificado no resto da cidade, assiste-se à vontade de regressar a este espaço, principalmente ao aparecimento de uma procura no mercado de habitação na zona do Chiado onde tem sido feito um esforço maior de reconstrução e reabilitação de edifícios para este propósito.

Quanto à qualidade ambiental são visíveis os efeitos nefastos do tráfego intenso para a qualidade de vida nesta zona, tanto por questões de ruído como pela qualidade do ar e limpeza/higiene.

Quanto ao ruído, em torno das vias mais movimentadas e das principais praças, o limite legal estabelecido é ultrapassado tanto de dia como de noite, quer para usos mistos, quanto mais para usos sensíveis como habitação. Quanto à qualidade do ar, os valores medidos excedem também os limites legais, tendo origem no intenso tráfego viário e nas fracas condições de dispersão da zona. É também o intenso tráfego de atravessamento que origina insalubridade e desconforto para os trabalhadores e moradores desta área e é considerado pelos comerciantes como uma penalização à sua actividade. Torna insegura e desagradável a utilização pedonal e, ao mesmo tempo potencia a degradação da estrutura através da conspurcação das fachadas e das excessivas vibrações.

#### **[Proposta de Revitalização]**

A proposta de revitalização da Baixa-Chiado, através da criação de um modelo global capaz de inverter este processo de declínio, foi anunciada em 2006 como um projecto que pretende garantir o futuro deste que outrora foi o Centro de Lisboa, potenciando a sua sustentabilidade.

Começa por identificar os factores que têm vindo a contribuir para o declínio desta área, de forma a poder organizar a estratégia de intervenção que melhor se adequa e os projectos estruturantes que definem esta revitalização, entre eles:

>O «**reforço da mobilidade interna e externa**» através da redução do tráfego de atravessamento e da criação de um eixo viário radial que possibilite a reorganização e criação de uma rede de circulação pedonal interna. Esta rede permitirá completar a **ligação transversal** entre as duas colinas adjacentes (Bairro Alto/Chiado e Castelo) e o vale (Baixa) e criar ligações verticais que promovam a relação com o Rio Tejo e a zona ribeirinha. É ainda importante a criação de parques de estacionamento capazes de dar resposta às necessidades acrescidas pela realocação de escritórios e habitação.

>A aposta na criação de um «**espaço público de excelência**» aproveitando a redução do tráfego automóvel para redesenhar perfis de ruas tendo em conta a melhoria das condições para o desenvolvimento de actividades pedonais e a sua relação com os espaços de comércio, serviços e lazer. A **repavimentação** dos espaços é também uma prioridade, recorrendo a pavimentos pouco ruidosos para a circulação viária e enquadramentos em lajedo para os pavimentos em calçada portuguesa, com conforto na circulação pedonal.

### [Caracterização Morfológica]

Colocada entre a Colina do Castelo e a de São Francisco (Chiado e Bairro Alto), a Baixa de Lisboa trata-se de um aterro resultante de assoreamentos sucessivos do vale formado pela foz de duas ribeiras e reforçado pelos escombros resultantes do terramoto de 1755, que serviram para a elevar e nivelar.

É do plano de reconstrução pós-terramoto que surge a Baixa Pombalina, «*um conjunto estruturado segundo uma malha reticulada hierarquizada (pela dimensão variável das vias públicas) e diversificada (pela mudança de orientação e dimensão dos quarteirões).*»<sup>10</sup> As ruas estão divididas em três níveis que se reflectem na largura, as ruas principais, as ruas travessas e as ruas secundárias. Esta hierarquia resultou da racionalização do dinamismo da malha existente antes do terramoto e, também da mesma forma, as igrejas foram reconstruídas não no mesmo local, mas sim integradas nos quarteirões. A inflexão na implantação dos quarteirões mais a sul resulta da necessidade de resolver a ligação entre as colinas e entre o rio e o interior.

Este conjunto urbano é ainda enquadrado por duas praças a norte, o Rossio e a Praça da Figueira, e uma a sul, a Praça do Comércio, todas elas regulares e de dimensões diferentes.

A sua forte identidade reforça a leitura «*como Lisboa pensada, programada e edificada*» (França, 2005:38), contrapondo-se com evidência à forma natural de implantação nas colinas.

A fácil transição entre colinas, zona ribeirinha e Baixa é muito importante para a vitalidade desta área e para a melhoria das condições de vida dos residentes das colinas.

Desta forma foi analisada a Rua da Vitória em maior pormenor, relativamente à adequação e potencial da sua repavimentação uma vez que poderá ter um papel crucial na transição entre as duas colinas.



Planta esquemática da área de intervenção

### RUA DA VITÓRIA - AVALIAÇÃO [Enquadramento]

A Rua da Vitória (antiga Travessa da Vitória) é uma das ruas definidas na hierarquia pombalina como travessas, a sua largura é de cerca de 10m com um ligeiro alargamento no troço em frente à igreja de S. Nicolau (14m). O seu topónimo, tal como o de quase todas as travessas, deriva da ermida ali existente antes do terramoto e que, neste caso, foi reconstruída e integrada no 1º quarteirão oeste.

O plano de reconstrução da Baixa previa já a pavimentação das ruas com calçada e a introdução

inovadora de passeios laterais que incorporassem um sistema de esgotos como contributo para uma cidade mais salubre (França, 2005). A Rua da Vitória não era excepção.



#### Rua da Vitória - evolução

Rua da Vitória em frente à igreja de São Nicolau | AML: Benoiel, início do séc. XX

a>Rua da Vitória em frente à igreja de São Nicolau | Fotografia de Autor, 2008

b>Rua da Vitória | AML, Armando Serôdio, 1963

c>Rua da Vitória | Inês Costa, 2006

Com o aparecimento de novas formas de circulação e o aumento considerável do seu tráfego, a parte central da rua começou a ser ocupada, principalmente por carroças e carruagens, tornando-se mais difícil a actividade pedonal. No entanto, é com o advento do automóvel que este espaço deixa de ser partilhado e que o peão se vê forçado a circular apenas na zona do passeio, vendo-se obrigado a quebrar o seu percurso a cada cruzamento para dar prioridade ao automóvel.

Actualmente percebeu-se a necessidade de valorizar a Baixa de Lisboa, devolvendo-a ao peão, e, a par com muitas outras ruas, esta passou a ser pedonal, interrompida apenas por 3 ruas de tráfego intenso. Uma das características que diferencia esta das outras ruas transversais é a sua centralidade na malha urbana. A Oeste está limitada pelo edifício dos Armazéns do Chiado, embora de certa forma mantenha a continuidade uma vez que a saída da estação do metropolitano Baixa-Chiado está no seu alinhamento. Esta estação de metro é importante, não só por ser uma das estações com maior utilização como também pela ligação que estabelece com a colina do Chiado/Bairro Alto, já que a outra saída se situa no Largo do Chiado, o fluxo diário de pessoas que aqui chegam é muito intenso. A Este a rua é limitada por um quarteirão contínuo de edifícios, situados ao longo da Rua dos Fanqueiros, funcionando como muro de contenção da Rua da Madalena que já se estabelece a uma cota muito superior neste alinhamento.



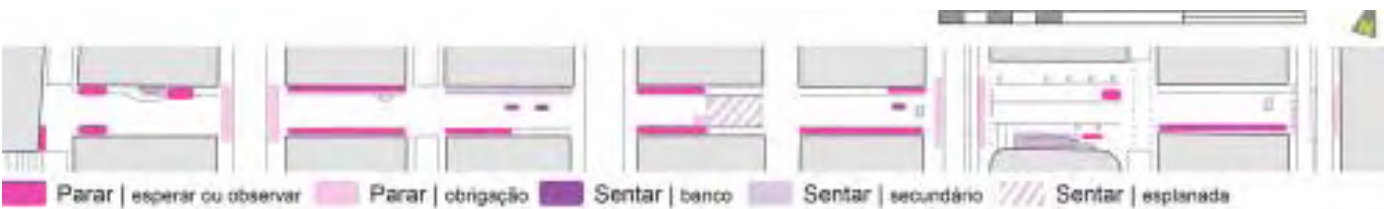
Esquema dos Usos Actuais (Piso Térreo) da Rua da Vitória

Esta rua, ao nível do piso térreo, é maioritariamente comercial, não fugindo à regra desta zona. Quanto aos restantes pisos, muitos estão a ser usados como serviços e uma grande parte estão devolutos, havendo apenas uma ou outra fracção habitada.



## [Caracterização Morfológica]

Ao todo esta rua é composta por 8 cruzamentos, 4 com ruas principais e 4 com ruas secundárias alternadamente, e surgem diversos tipos de cruzamento, em passeio contínuo e com semáforo e passadeira. Os cruzamentos originam troços de rua, por vezes com tratamento distinto ou apenas segmentados pela intersecção, importante será então identificar quais as características de cada parte, apresentadas na ficha de avaliação que se segue.



*Características morfológicas e Cruzamentos  
Troço tipo e variantes*

## [Actividades]

Esta rua tem uma utilização maioritariamente de passagem, de circulação pedonal uma vez que se trata de um eixo de ligação e distribuição na Baixa.

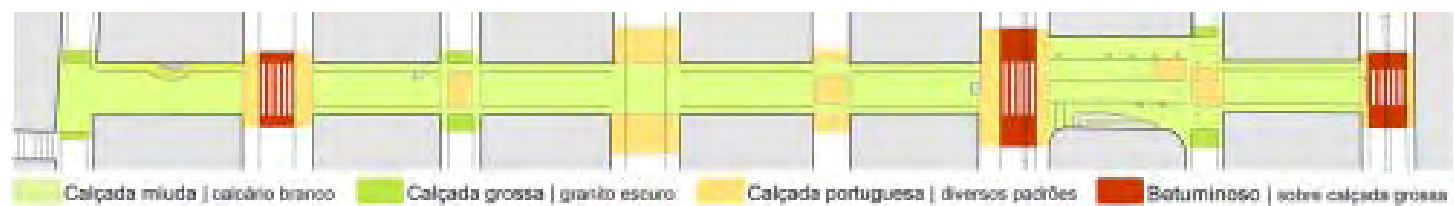


*Esquema de circulação pedonal*

No entanto foram registadas paragens mas quase sempre de curta duração e os locais apropriados para sentar são escassos.

## [Pavimento]

É visível uma constante interrupção da rua por cruzamentos de circulação viária, muitas vezes observadas ao nível do pavimento quer por alterações de materiais, quer por maior desgaste.



*Tipologias de Pavimento*

A Rua da Vitória, apesar de se tratar de uma rua pedonal, é predominantemente um espaço de passagem, quer pelo facto de pertencer ao eixo dominante de ligação à colina do Chiado/Bairro Alto (através da estação de metro Baixa/Chiado), quer pelo carácter actual da Baixa como ponto de passagem e interface entre vários meios de transporte.

## RUA DA VITÓRIA – REFLEXÃO/INTERVENÇÃO

Integrado no plano geral da revitalização da Baixa/Chiado, pretende-se agora ilustrar que tipo de intervenção pode ser realizada ao nível do pavimento para responder às premissas e necessidades actuais desta zona.

### [Usos a Potenciar]

A sua centralidade na malha, juntamente com a importância que poderá vir a ter na relação entre colinas, faz com que tenha potencial para se afirmar através de uma identidade própria, uma linguagem que se destaque das outras ruas transversais desta malha. Um pouco à semelhança do que foi feito para o importante eixo que representa a R. Augusta nas ruas primárias, contudo sem pôr em causa a sua leitura.

Desta forma, é importante diferenciar esta rua das restantes, permitindo que demonstre o seu lugar na malha sem descurar a sua funcionalidade primária e a adequação aos utilizadores a que se destina. Pretende-se servir as seguintes actividades:

- > Como eixo principal de ligação entre colinas a necessidade de servir adequadamente as actividades de **circulação pedonal** impõe-se como objectivo principal para o seu pavimento;
- > O predomínio das **actividades comerciais** desta rua e de toda a baixa devem ter em conta os seus clientes mais habituais, turistas e transeuntes e, devem poder assegurar os bens necessários para garantir o bem-estar e conforto de futuros moradores;

### [Proposta de Pavimento]

Sendo assim de que forma se pode traduzir estas actividades em exigências de pavimento?

É importante definir o papel que o pavimento deve assumir na definição do espaço público, ou seja, a sua maior ou menor imposição e definição. Desta forma apresenta-se o tipo de carácter pretendido e as características que concorrem para esse carácter:

#### *1. Carácter Simbólico*

Quanto aos aspectos físicos, embora possa não apresentar todas as condições para uma circulação confortável, a Calçada Portuguesa deve ser integrada nesta solução de pavimento. Pela nobreza do material que é a pedra, esta solução deve ser integrada com o lajedo que representa uma solução de maior conforto na circulação e mais resistente.

Quanto aos aspectos visuais, a Rua da Vitória, como parte integrante da Baixa Pombalina, deve integrar na sua identidade este ícone do país que é a Calçada Portuguesa. A localização e importância desta rua obrigam a utilização de materiais nobres.

*O simbolismo da calçada portuguesa | Fotografia de autor, 2007*



## **2. Carácter Visual – Comunicativo**

Quanto aos aspectos físicos, é importante identificar os cruzamentos através de mudanças na textura do pavimento, potenciar a redução de velocidade e garantir materiais que mantenham as suas características (durabilidade).

Quanto aos aspectos visuais os cruzamentos podem ser identificados através de cores ou diferentes disposições no pavimento, assim como as zonas de estar ou dedicadas a actividades comerciais. É importante alertar para os perigos que podem surgir, sem no entanto perder a continuidade da rua.

## **3. Carácter Orientador**



Quanto aos aspectos físicos, deve garantir-se uma materialidade que possibilite um andar confortável sem irregularidades e obstáculos. Utilizar um elemento de continuidade e direcionalidade que pode ser conseguida através de necessidades funcionais, tais como a que se vê na fotografia seguinte, através de canais de drenagem.

Quanto aos aspectos visuais, como eixo de ligação que pretende ser, é importante potenciar um percurso, direccionando o utilizador, no entanto como rua pedonal e comercial esta direcionalidade deve ser associada a um padrão estimulante e atractivo que crie uma cadência no movimento.

*Informação de um percurso a seguir | Sérgio Redondo, 2007*

## **A RELAÇÃO ENTRE CHÃO E USO EXISTENTE É RECÍPROCA.**

Ou seja, as actividades que se deseja que aconteçam num determinado espaço condicionam a escolha de pavimentos para esse espaço e ao mesmo tempo, o pavimento existente em determinado espaço condiciona a sua utilização, que acaba por se adaptar ao pavimento ou mesmo moldá-lo para uma melhor adequação.

Do ponto de vista das aplicações, para a realização de uma intervenção, o conjunto de avaliação e propostas elaborado poderia ter pertinência no contexto do Plano de Revitalização pois chegou-se à conclusão que é importante perceber qual o tipo de espaço, ambiente e actividade que estão em causa. O pavimento pode participar, mais ou menos activamente na função integradora e significativa do espaço, de forma a evidenciar/clarificar ou esconder/disfarçar limites, valores e outras características do próprio espaço, assegurando a leitura da sua continuidade e integração de diversidades, dentro de um padrão unitário numa dada área urbana. Desta forma, numa intervenção, é importante definir o carácter que se pretende para o pavimento definindo as linhas gerais de intervenção e as restrições que estas possam apresentar. O importante é ter sempre presente a adequação física e estética ao tipo de utilização que existe ou se pretende despoletar.



## BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDER, Christopher – *A Pattern Language*. New York: Oxford University Press, 1977.
- BRANDÃO, Pedro [et al.] – *O Chão da Cidade: Guia de Avaliação do Design de Espaço Público*. Lisboa: Centro Português de Design, 2002.
- BRANDÃO, Pedro [et al.] – *Design urbano inclusivo: uma experiência de projecto em Marvila: “fragmentos e nexos”*. Lisboa: Centro Português de Design, 2004.
- BRANDÃO, Pedro – *A Identidade dos Lugares e a sua Representação Colectiva*. Lisboa: CESUR, DGOTDU, 2008.
- BRITO, Lúcia Gonçalves de – “Um Discreto Sistema de Raízes”, *Gestão Urbana*, Lisboa: Parque EXPO 98, SA, 2002, pp. 283 a 295.
- CARMONA, Matthew – *Public Places, Urban Spaces: the dimensions of Urban Design*, Boston: Architectural Press, 2003.
- CULLEN, Gordon – *Paisagem Urbana*. 3ª Edição. Lisboa: Edições 70 Lda., 2006.
- FERNANDES, Bruno – “Utilizadores Ditam as Regras”, *Arquitecturas: Suplemento Pavimentos*, nº 14. Lisboa: About Green Comunicação, Lda., Julho 2006, p. 5.
- GEHL, Jan – *Life Between Buildings – Using Public Space*. 3ª Edição. Copenhaga: Arkitektens Forlag, 1996.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. 3ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- MOUGHTIN, Cliff [et al.] – *Urban Design: Ornament and Decoration*. 1ª Edição. Oxford: Butterworth Architecture, 1995.
- SALGUEIRO, Teresa Barata – “Cidade, Território de Mudança”, *Gestão Urbana*, Lisboa: Parque EXPO 98, SA, 2002, pp. 22 a 33.
- WHYTE, William H. – *The Essential*. Editado por Albert LaFarge. New York: Fordham University Press, 2000.
- DGEMN – *Baixa Pombalina/Baixa de Lisboa*  
Disponível em: <http://www.monumentos.pt> [10/08/08]  
Proposta de Revitalização da Baixa-Chiado, Setembro 2006  
Disponível em: [http://www.cm-lisboa.pt/?id\\_item=12686&id\\_categoria=11](http://www.cm-lisboa.pt/?id_item=12686&id_categoria=11) [25/07/2008]

## NOTES

<sup>1</sup> Mestre em Arquitectura pelo IST, Lisboa. Artigo com base na Dissertação de mestrado com o título “Pavimento Urbano - adequação ao uso”<sup>2</sup>

José M. Ressano Garcia LAMAS – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, p.80

<sup>3</sup> Lúcia Gonçalves de BRITO – “Um Discreto Sistema de Raízes”, *Gestão Urbana*, Lisboa: Parque EXPO 98, SA, 2002, p. 283

<sup>4</sup> Gordon CULLEN – *Paisagem Urbana*. 3ª Edição. Lisboa: Edições 70, Lda., 2006, p. 130

<sup>5</sup> Cliff MOUGHTIN [et al.] – *Urban Design: Ornament and Decoration*. 1ª Edição. Oxford: Butterworth Architecture, 1995, p.94

<sup>6</sup> Matthew CARMONA – *Public Places, Urban Spaces: the dimensions of Urban Design*, Architectural Press. Oxford; Boston, 2003, p. 160

<sup>7</sup> Christopher ALEXANDER

– *A Pattern Language*. New York: Oxford University Press, 1977, p.599

<sup>8</sup> Bruno FERNANDES – “Utilizadores ditam as regras”, *Arquitecturas: Suplemento Pavimentos*, nº 14, 2006, p.5.

<sup>9</sup> Proposta de revitalização da Baixa-Chiado, Setembro 2006, pp. 15 a 18, disponível em: [http://www.cm-lisboa.pt/?id\\_item=12686&id\\_categoria=11](http://www.cm-lisboa.pt/?id_item=12686&id_categoria=11)

<sup>10</sup> DGEMN – *Baixa Pombalina/Baixa de Lisboa*, disponível em: <http://www.monumentos.pt>